ANO 5.° — N.° 211. Guimarãis, 16 de Fevereiro-1936. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO.

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.°-D. — Telefone 27136.
Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense
Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VIS COM. O PELA CENSURA

## Na sua 3.ª reünião a Direcção Executiva "Pró-Monumento aos Heróis da Grande Guerra" tomou conhecimento de várias comunicações, aprovou o projecto dos cartazes de Propaganda e Sêlo "Pró-Monumento", da autoria do Ex.mo Snr. Capitão Duarte Fraga, nomeou para a Comissão Auxiliar os Snrs. António da Costa Guimarãis e António de Sousa Lima, deliberou sôbre serviços de organização interna e resolveu oficiar a Sua Ex.ª o Senhor Ministro das Finanças pedindo autorização para efectuar uma emissão de 100.000 sêlos e isenção de imposto de sêlo para os cartazes de Propaganda.

**Editorial**

## Exemplo frutificante

Enquanto que nesta infeliz Terra, tida e havida como «feudo» de *sábios* sem instrução primária, os assuntos do lugar são discutidos com grande cópia de palavras, outras cidades há que, sem verbalismos ôcos e sem lições de estafada sebenta, caminham na senda do Progresso com remarcado brilhantismo e nítida compreensão das aspirações populares — sobressaindo do «modo prático» como se elevam a nossos olhos.

De facto, guiada em seus passos por indivíduos de inteligência abastardada e nula competência, a nossa querida Guimarãis caminha indecisa para o Futuro, tateando com tal receio o terreno de bom piso, que somos forçados a crer no vendaval desfeito que a envolve e isola, ameaçando iunndá-la a cada instante.

Tudo é soturno e negro!

Olhada num relance, a velha *Araduca* apresenta-se-nos um êrmo sertanejo, onde a vida se resume num borborinho erguido em prece e se escôa na debilidade e letargia inconcebíveis — a ausência absoluta de vigor e de acção, o marasmo gerado pela tutoria-arqueológica e a indiferença nascida pela boa obra de *técnicos* atacados de pieira aguda e asmática.

*

Duas reüniões já fôram convocadas para deliberar sôbre as Festas da Cidade.

Sôbre o que nelas foi ventilado, desconhece-o a população citadina, visto que as festas só interessam aos componentes da Comissão Executiva que veem primando em desprezar a Imprensa, num acinte que nem sequer levamos à conta de propósito, e também pela forte razão de ser passado o tempo em palavreado balôfo e estéril, tão estéril e tão balôfo que nem a *ordem dos trabalhos* chega a indicar-se.

A última reünião, convocada expressamente para ouvir artistas e *técnicos*, deixou tudo como dantes, pois **só três** se dignaram comparecer e emitiram opinião — o que revela desprêso e nenhum aprêço pelos interêsses de Guimarãis —, sabido que o *par de França* do modernismo anda empenhado em novos compadrios para nos legar mais castelos, troncos de ferrador e novas chinezices de côres luzidas, jactanciosas e ostentadoras.

Em contra-partida, aqui, a 22 quilómetros, já é dado conhecer o que serão as Festas Joaninas, com projectos de iluminações aprovados, número-

Joaquim Laranieiro dos Reis, Tesoureiro da Direcção Executiva «Pró-Monumento»

ros de requintado bom gôsto e superior orientação directiva.

Nada de palanfrórios, disputas de regateiras ou chamboíces *àlealescas*...

Todos por um e um por todos, Braga impõi-se pela isenção posta no *modus-faciendi* das suas Festas, deixando-nos um exemplo frutificante que, oxalá, sirva de acicate a quem, em tão pouca conta, usa o anseio das multidões e deseja morrer em cheiro de santidade.

## Nota oficiosa

Da Comissão Administrativa da Câmara recebemos a *nota oficiosa* seguinte:

Ex.mo Sr. Director do «Notícias de Guimarãis» — Guimarãis.

Ao abrigo do Decreto 12.008 de 2 de Agôsto de 1926, art.° 53 e seus §§, queira V. Ex.ª determinar a publicação dos esclarecimentos seguintes:

1.°

Acusa o «Notícias de Guimarãis» a Câmara de mandar operários seus «dispender trabalho» em favor de particulares. E indica a prática dêste abuso, «ali... na rua das Trinas».

Cumpre esclarecer:

A Câmara, no desempenho das suas atribuïções, praticando um acto de assistência, (art.° 94.° da Lei n.° 88), requereu e conseguiu que a Santa Casa da Misericórdia, administradora do antigo Recolhimento das Trinas, ali desse aposentadoria a uma antiga serva do Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, sob condição de a Câmara mandar proceder a uns pequenos reparos na céla que a velha serva vai ocupar, em virtude de o seu antigo amo não poder continuar a oferecer-lhe gratuïtamente residência na sua casa à rua da República.

Eis singelamente esclarecido o acto administrativo da Câmara que o «Notícias de Guimarãis» maldosamente envenenou.

2.°

Mais uma vez o «Notícias de Guimarãis» se entrega à especulação de uma deliberação Municipal referente ao «pelouro das Obras».

O caso, na sua exacta significação administrativa, é o seguinte:

A Repartição Técnica, antes da deliberação que *ardilosamente* se comenta, recebia instruções directas dos vereadores das obras, viação, Vizela, Taipas e Presidência. Desta ingerência dos vários pelouros na mecânica dos serviços da citada Repartição, resultava por vezes não só atropêlo na ordem dos serviços, como na preferência e urgência dos projectos a elaborar. De acôrdo, pois, com os respectivos vereadores dos vários pelouros, fez a Presidência a sua proposta que, sem descrepância, foi por todos aprovada — para um mais perfeito e porficuo rendimento administrativo na citada Repartição Técnica.

Não há, portanto, atropêlo ás atribuïções de Vereador das Obras, como insidiosamente se pretende fazer acreditar, nem tampouco a Presidência entrega ao seu «livre arbítrio», como o Jornal diz, os assuntos inerentes àquela Repartição Municipal.

E' esta a verdade dos factos e, portanto, aquela que convém dar a conhecer aos Munícipes.

A Bem da Nação.

Guimarãis, 12 de Fevereiro de 1936.

O Presidente,

*José Francisco dos Santos.*

## Mortos da Grande Guerra!

(De todo o meu coração,
ao Ex.mo Sr. Manuel de Guimarãis)

Estes versos, senhor,
Eu gritei-os da alma,
Tôda a minha alma os sente!...
Lêde-os vós com calma,
Que não sabe entendê-los tôda a gente...

Rompeu alfim a aurora... A terra adormecida.
Na sombra do torpôr, alfim foi sacudida
Por um poder convulso, estranho e poderoso,
Que Phebo em vibrações de luz, esplendoroso,
Tôda a terra aqueceu em oiro rutilante
A arder duma fogueira enorme do levante!

*

Clarins, vibrai! vibrai! O sol vibra na terra!
Clarins, vibrai! vibrai! Que vá de monte em serra
Vosso som a dizer ao Portugal-Maior,
Que na velha Araduca a sombra do torpôr
Alfim foi sacudida, alfim foi esfarrapada,
E a terra é erguida, inteira, à luz duma alvorada!

*

O' frios mausoléus, ó negras campas-rasas,
O' despojos finais, ó funerárias casas,
Dêsses rudes leões na guerra trucidados:
Aos ossos dos heróis, aos ossos dos soldados,
Mostrai o sol a arder, que o sol há-de-os beijar
E dizer-lhes que irmãos os vão glorificar!...

Esqueletos, de pé! Ossadas, escutai:
Guimarãis, vossa Mãi, enternecida, vai
Erguer-vos no seu seio o eterno **Monumento!**

O' velho Lidador, fizeste um juramento
E cumpriste essa jura impávido e lial!
Tudo por Portugal, heróis de Portugal!

*

Castelo denegrido, ameias denegridas,
Que escudaram um Rei e hostes destemidas,
Prontas a repelir a afronta dum assalto!
O' castelo roqueiro: hás-de tu ver, do alto,
O povo, teu senhor, perpectuar Memória
A quem tombou na guerra, honrando a Pátria, a História!

O' minha terra amada! Alfim ressuscitaste!
A tua alma do pó ao céu a alcandoraste,
E agora, nessa Altura, eu rogo-te que fiques,
Terra de meus irmãos, de D. Afonso Henriques!
.....
Clarins, vibrai, vibrai! O sol vibra na terra!
Clarins, vibrai, vibrai! Que vá de monte em serra
Vosso som a dizer ao Portugal-Maior,
Que na velha Araduca a sombra do torpôr
Alfim foi sacudida, alfim foi esfarrapada,
E a terra é erguida, inteira, à luz duma alvorada!

Fevereiro de 1936.

DELFIM DE GUIMARÃIS.

Aprígio Neves de Castro, Tesoureiro-Adjunto da Direcção Executiva «Pró-Monumento»

**Okay -- Okay -- Okay...**

E' uma linda camisa
Tabú, e só custa 22$50

A' venda na

**Casa das Gravatas**

## Filhos da Plebe

Sempre tivemos admiração pelos filhos da plebe que alcançam situações privilegiadas nas artes e nas letras, ainda que sem poder apresentar o diploma do 2.° gráu ou fungando piadas aos *técnicos*.

Felicitamos, pois, os bem-aventurados da sorte, posto que ás vezes reclamem a *técnica* para satisfação dos seus desejos ou entrave das obras daqueles outros que, tendo cursos superiores, não lhes pedem licença para discutir «trastes velhos» ou classificar «as raras maquinetas» do Minho.

## Pregunta-se:

— ¿Porque razão não foi aberto concurso para os monumentos ao João Franco, Sarmento e Gravador Molarinho, e ainda mesmo para o pretenso monumento aos Mortos da Grande Guerra, representado pela maquette exposta no átrio da S. Martins Sarmento, no dia 1.° de Dezembro do ano findo e paga pela Câmara?

— ¿O projecto do *Castelo dos Almadas*, que se encontra na Repartição de Obras, será o mesmo decantado e verdadeiro *Castelo?*

— ¿A obra dos Laranjais ficará eternamente assim, ou construír-se-á novo muro com pedras novas, para substituição daquelas que, indevidamente, fôram retiradas dali?

## Esc. 3$00?

Num impresso de derrama camarária foi-nos dado observar que no averbamento «Impresso» se escriturou a quantia de *Esc. 3$00!*

¿Qual a tipografia que fizesse obra tão cara?

— Não acreditaríamos e seria julgada uma *insídia* esta afirmação, se êstes olhos que a terra há-de comer nos enganassem ou nos fizessem caír em lôgro.

## Processos jornalísticos

E' curioso ver-se a diferença entre os processos jornalísticos usados por muitos corifeus de bom gôsto e bom tom e aqueles que nós outros usamos, sem pretensões de maior.

Enquanto que os primeiros, detentores de todos os segredos da arte de escrever, difundem doutrina confusa e nada valiosa ou anotam o horário das missas e lausperenes, nós procuramos assentar as nossas ideias na progressividade e boa razão, sem usar do apito que possa chamar pela polícia ou trocar uma situação de liberdade por uma de cativeiro, apostados em não provocar discussão que possa ofender os ideais e as crenças de cada um.

Não sabendo usar «hábito» ou «chapéu bicorne», jàmais procuraremos aprender a manejar qualquer arma-branca — o que nos distancia enormemente dos *plumitivos* ditos de raça. E ponto final.

## Atrás de nós virá...

Não há como o tempo para julgar os actos dos homens! E como Deus castiga sem dizer quando nem a quem, vemos agora que estamos vingados sem mais aquelas, pois nos dizem que os anúncios, obrigados a lêtra de fôrma es-

EDREDONS

*Acabam de chegar, para serem vendidos a prestações semanais com bónus.*

**Visite a Casa das Gravatas.**

tão sofrendo um aumento por parte do *noviço* «Berço da Grei». Assim, pois, temos a declarar[illegible] aqueles anúncios que nos [illegible] ter um preço mais [illegible] os certo, e que nós cu[illegible]amos *religiosamente* no[illegible]onestidade e liberalidade, têm sofrido a **melhoria** tão descarada que já causou certos reparos da casa...

## Quem toma providências?

Cada um leva a vida conforme pode, e não seremos nós a estorvar os que, desgraçada e miseràvelmente, levam *a vida a cantar os grandes e horríveis crimes* cometidos aqui e por outras importantes terras. O que não está certo, o que revolta a nossa sensibilidade é o desafôro e o descaramento com que se apresentam em público os *artistas do fado* sem respeito nem pela Terra que lhes mata a fome, nem pelas crianças que se juntam à sua volta.

A propósito dos últimos casos de morte, apareceram por aí uns *cantadores* ordinários a verberarem êsses crimes, *êles* que só cheiram a tabaco e a vinho!

Por que achamos degradante para a nossa dignidade a *audição* de tais *fadistas*, pedimos às autoridades locais e muito especialmente ao senhor Chefe da P. S. P., as suas indispensáveis providências, pondo cobro a semelhantes baboseiras.

## Leonardo Coímbra

*«Equivale a morrer duas vezes»!*

O venal e verrinoso plumitivo que no «... da Grei» se destempera em dar-se ares de familiar das fábulas de Fedro — *mas a quem mingúa a fala para ser cristão* —, desunha-se na má aplicação do «Leão Moribundo» para tirar ilação moral e aproveitar o ensejo de chamuscar uma apreciação que franca e conscientemente expusemos.

Fala de Leonardo Coímbra como de qualquer sacristão que bem soubesse desculpar a beatitude do escriba, gagueja ditirambo semelhante àqueles que talvez lhe tivesse pronunciado quando necessário se tornava apresentá-lo como creacionista profundo e metafísico de primeira plana, e, para cúmulo, insulta-o dizendo que «a pouco e pouco foi descobrindo que errado era o seu caminho», só porque êle «aprimorou e intensificou o rumo para essa Luz da Verdade».

Pobre asno da fábula! — a coice responde-se com coice, uma vez que é essa a moral do menosprezador de pensamento alheio.

Mas vamos por partes:

1.º: — É ou não verdade que Leonardo Coímbra foi pollticamente um *cosmolábio* de partidos?

2.º: — É ou não verdade que Leonardo Coímbra, poucos anos após o 28 de Maio, ainda se apresentava como homem das esquerdas, apregoando doutrina então considerada subversiva e anti-nacionalista?

3.º: — É ou não verdade que o asno do pseudo-jornalista veria, com indiferença, o passamento do filósofo se a sua evolução espiritual não o tivesse atirado para o catolicismo freirático e catacego?

4.º: — É ou não verdade que a atitude do estafeteiro capaz de anavalhar o regímen e de atabafar os seus pecados sem remissão, é *um jornalismo oposto, distinto, bem diferenciado?*

Não vale bater nos asnos, se acaso a sua irreverência os faz valentes... para com os fracos e moribundos do próprio meio em que vivem, conhecida e reconhecida a cobardia e os processos que usam para alcançarem os fins, a coberto dos touros e javalís que antecipadamente tenham demonstrado coragem. Todavia, para que o autor da burundanga não acredite na conquista da sua imortalidade, permitimo-nos fazer-lhe esta pregunta simples e comesinha: — A coërência de Leonardo Coímbra pode aquilatar-se pela coërência daqueles que não morrem nas graças da santidade católica?

Arre, para a intransigência!

Se o contrário se desse, não faltaria quem recomendasse a Belzebu o pobre do Leonardo Coímbra...

Podemos, se quiser, apresentar-lhe inúmeros exemplos e que muito bem depõem contra os beatíficos e seráficos escribas da «... Grei».

*Vimaranenses! E' chegada a hora de, cada um, mostrar o amor que tem à terra que lhe foi bêrço! Pensai no monumento!*

## Ainda o crime de S. Miguel

A propósito do que dissemos no último número do nosso jornal sôbre êste caso lamentável, fomos procurados por pessoas que nos merecem todo o crédito as quais nos asseguram que a morte do infeliz José da Cunha, que então se encontrava embriagado, não pode nem deve ser atribuída ao *suposto* João de Lemos, por quanto êste se manteve sempre dentro do estabelecimento de seu pai, onde se encontrava a substituí-lo.

Cêrca das 24 horas, e para cumprimento da lei, fechou o estabelecimento, nada sabendo do que cá fora se passava.

A todo o tempo o provam como testemunhas, afirmam essas mesmas pessoas.

Como a nossa missão é só a de contribuír para o prestígio da lei e das autoridades, não devem estas descurar a descoberta do criminoso ou criminosos, procurando desvendar êste misterioso crime.

## A reforma administrativa do país

A reforma administrativa do país vem apaixonando todos os valores económicos e sociais interessados no desenvolvimento municipal e corporativista dos principais centros de grande importância industrial e populacionista.

Tem recebido, o Govêrno Central, a propósito de tão importantíssimo problema, algumas comissões-delegadas das fôrças vivas de várias terras do país, dizendo da justiça que lhes assiste na nova reforma a fazer.

Da representação que a comissão-delegada das fôrças vivas do distrito da Guarda entregou aos senhores presidente da Assembleia Nacional e Ministro do Interior, representação aliás cheia de judiciosas e concretas considerações, transcrevemos a alínea *b)* por nos parecer interessante para Guimarãis, deixando aos *entendidos* a discussão da matéria. Diz, pois, o seguinte:

.....

*«b)* Assim poder-se-iam encarar as províncias de ALEM-DOURO com a capital em **Guimarãis**;»...

E porque não? A oportunidade que chega, não deve ser desprezada, dando nós a palavra à Comissão Administrativa e às Fôrças Vivas da nossa Terra.

A sugestão aí fica.

**Distinção, Beleza e bom tom,**

**adquirem-se com os já célebres produtos NALLY.**

**A sua vasta colecção encontra-se na**

**CASA DAS GRAVATAS.**

(48)

# Animula vagula, blandula...

(15)

Para longe! para longe! ruins carcassas da vida. Não profaneis, gentes versatilíssimas, a celebração do mistério augusto dos nossos esponsais. E tu

*«Alma Venus! coeli subter labentia signa*
*Quae mare navigerum, quae terras frugiferenteis concelebras...»*

(mas, não estremeças - é latim de Lucrécio), e tu, e nós, como nos versos de Mestre Gil

«A' barca, à barca, hou lá,
Que temos gentil maré...

Sim. Vénus, deusa, noiva e amante de uma hora — a hora de tôda a eternidade, alegre e dolorosa, vasta e pequenina, ímpeto e desfalecimento, uivo e murmúrio, arranho e carícia, vibração e estertor, soluço e pasmo, silva de fôgo e manto de treva, ó meu amor — a esperança já saüdade desta noite, morta no amanhecer, é a nossa lancha. Embarquemos, seja o sepulcro de nossos corações, o batel do noivado do sepulcro: a mocidade que se atira fora, para longe, ao naufrágio das horas levianas e breves, e se perde... Ah! Ah! Abre-se o fluido matinal a servir-nos de vela. Deixemo-los ir, aos nossos corações — jàmais precisamos nós dêles? Vamos ser homens e mulheres de juízo — onde o coração? e para quê o coração? O coração amou e morreu. Era o seu destino.

Assim iremos os dois — porque somos ainda e só coração —, como as águas mansas do rio, a cantar, em nossas bôcas, o rosário dos beijos. Rosário de tantas contas que nos perdemos a contá-las. Enlaçados corpo a corpo, alma contra alma.

*«Te, dea, fugiunt ventei, te nubila coeli*
*Adventumque tuum...»*

Ah! Ah! E' ainda o Lucrécio (e são os primeiros e únicos versos que decorei). Não amues, querida, esta sandice adivinha o sasonamento do perfeito homem social, em que a educação e a idade, a polícia, as leis, os bons costumes e as senhoras vizinhas me estão a investir, como dentro de um colête de fôrças. A isso fujo (por piedade, inebria-me de prazer, esconde-me no teu seio), a fugir de mim, já pulhostre e velhão... como o outro, que era meu avoengo, que talvez venha a ser eu, ou a ser meu filho e descendente. Mas não herdeiro. Herdeiro, não! Nossos beijos não se compram, nem se transmitem.

A' proa rompe o dia. Vamos, singra, ó minha caravela. Até ao mar, até ao mar largo, onde não haja senão já os dois infinitos, o oceano das águas, o oceano dos céus. Vê como elas avançam para nós em lençol de rosas desfolhadas sôbre o límpido manto esverdecido, a azulescer-se no horizonte. Olha, olha, ao fundo, que estranhos frémitos de vida silenciosa, lâminas e sulcos de mil côres, passando em rapidez de vôo, com olhos abertos que nos espreitam e invejam talvez, olhares vivos e rápidos em crispações eléctricas.

E o nosso veleiro parece sorrir no embalo das ondas. Agora, cursamos uma linha de recifes — são as montanhas e serranias do mundo aquoso. Incrustada à rocha, no límpido cristal das águas, que maravilhosa floração, admirável jardim encantador. O ar é tam leve que nos afaga, e tam puro que nossa alma se nos desprende e evola! Estamos no deserto das águas, na soledade infinita, somos apenas um acaso da vida ao capricho dos céus e dos mares. Somos um breve e instável minuto — somos, por isso, e alcançamos a eternidade absoluta. *«Voluptas hominum»*.

Bergantim doirado, ó concha nupcial, fenda e sulca àvante, mais além do além. E tu, maculada minha, virgem fenecida em sonho de amor, unge-me, por sôbre o verde mar, na fluidez azul do céu puríssimo, em tôda a nua esplêndidez maravilhosa da tua carne, no véu oiro e rosa do sol nascente. Aí se alteia a vaga, insuflada e temerosa, encrespa-se, ondula, estremece — como no arfar do desejo, aproxima-se, enlaça-nos — deixa-me abraçar-te bem de encontro ao peito, e suspirosa abre-se e se defaz em cascata de espuma — são os beijos do mar que sobem aos nossos beijos. E' agora, — eis a nossa mortalha, a mortalha dos nossos corações. Vamos a afundar-nos no silêncio infinito do mar deserto, a sepultar na saüdade imensa e imperecível todo o nosso amor, que não volta, nossa mocidade, para sempre perdida!»

***Eduardo d'Almeida.***

## Jerónimo Sampaio

Jerónimo Sampaio, o nosso bom e leal amigo, faz àmanhã anos. Vimaranense como aqueles que melhor o têm sabido ser, conquistou, desde a sua distante mocidade académica, a simpatia e a admiração du-

Jerónimo Sampaio

ma cidade inteira que o respeita e sabe reconhecer as excelentes qualidades de que é possuídor.

Jerónimo Sampaio é uma grande alma.

O «Notícias de Guimarãis», que o conta no número dos seus melhores amigos, saüda-o, pois, sinceramente, na passagem do seu aniversário.

## De Guimarãis e dos Homens

### A gralha

A troca do *n* pelo *s*, donde resultou Liso por Lino, não era gralha «visível» e, por conseqüência, não foi em tôrno dessa gralha que fizemos as nossas considerações.

Para nós, tanto valia ser Liso como Lino, como para nós, hoje esclarecida a gralha, tanto vale ser Lino como Liso.

Nas nossas ligeiras considerações — sem às «rajadas» alti-sonantes dum estilo ôco que nada diz, nem nos convence — não procuramos atingir *um*, mas tôda a coórte pseudo-culta que supõe que somos obrigados a admitir como boas tôdas as suas nefelibatices.

Respondemos à parte do artigo a que podíamos responder, vincando e devolvendo *bem* o seráfico insulto que pretendia dirigir-nos, a nós que, felizmente, não temos a sua mentalidade.

E' petulância afirmar que as locais insertas e embaladas no «Berço» não sofreram contestação.

E' pretender que um maneta — dos dois braços — dê um par de atestados murros num bébé que seja.

— O'dios? nem todos merecem o ódio.

E aquilo que não se ama e não se odeia, ou merece a nossa indiferença ou o nosso desprêso.

*Concorrer para o Monumento é aquietar a consciência, elevar a alma e refrigerar o coração.*

## De tudo... um pouco

Até a morte... Até a própria morte tem extravagâncias que o destino não é capaz de torcer, antes se lhe juntou para os dois se apoderarem do pobre e vil barro humano. A morte desta vez surpreendeu um coveiro entretido no labor do seu ofício: para as bandas da Guarda, o mísero Joaquim da Rita — dizem-no lacònicamente os jornais — foi encontrado morto dentro de uma cova por as pessoas que acompanhavam *um nosso irmão* à sua última jazida...

Se a impressão recebida foi desagradabilíssima, muito maior foi, é claro, — e de mau gôsto — o trabalho de tirarem o pobre coveiro que bem longe estava de supôr que havia de morrer assim tão estùpidamente, cavando a terra... para outro, — aquela mesma terra que agora o cobre, escondendo-o dos olhares frios e esgazeados de quem com bem pouca ou nenhuma simpatia vê sempre o sinistro, o imperturbável coveiro...

Pobre Joaquim Rita! Morreste no teu ofício: — a abrir o seio da terra a quem te havia de enterrar... noutra cova feita por outras mãos!...

Parte dos prédios da Rua Elias Garcia dão-nos à vista um agradável aspecto exterior, dizia-nos, há pouco, um forasteiro. Mas, pela fisionomia pobre e triste dos seus moradores, vê-se que outro tanto não sucede no *aspecto interior* dos mesmos prédios..., concluía o mesmo forasteiro, à espera, talvez, duma resposta — resposta que não soubemos dar-lhe, porque só ela pertence à Comissão de Estética empenhada só em vaidades exteriores que estão muito longe de atenuar, pelo menos, o modo de viver da sua pobre gente.

Diz-nos a *folhinha* que poucos dias restam para entrarmos na quadra foliona do Carnaval... Mas, ó meninos, que carnaval maior quereis do que êste — eterno, cheio de porcarias palavrosas, sem sentido, nem significado?!

Mascarar o Carnaval? Seria o cúmulo dos cúmulos. Cada um tem a sua máscara — o peor é sabê-la pôr a horas certas e sabidas na devida altura do tempo e da vida.

O mundo há muito que anda *mascarado*... de rico na certeza de que é cada vez mais pobre no sentido real e palpável das coisas e dos acontecimentos.

## Máximas Populares

L

Vendo a fortuna mui alta
Tornas a vida forçada;
*Aonde a ventura falta,*
*Diligência é escusada.*

LI

De mal andar alardeias
Não causar lesões internas...
*As tripas estejam cheias,*
*Que bem nos levam as pernas.*

LII

A quem tenha pretensões
*Mui pode Deus ajudar,*
(O caso está nos senões)
*Que velar, e madrugar.*

LIII

Para uma noiva escolher
*Dai-me mãi acautelada...*
O resto é bom de se ver:
*Dar-vos ei filha guardada.*

LIV

Logrando afecto e favores
Não pedi que louca fôsses;
Um filho! — *obras são amores*
*E não as palavras doces.*

LV

Para a saúde alcançar
Sempre *come para viver...*
Busca a fartura poupar,
*Pois não vives para comer.*

LVI

Venda os olhos ao imigo
Quando a escravidão recorde;
No fitar gera-se o perigo:
*Cão com raiva o dono morde.*

***L. Coelho.***

*Sois leitores do «Notícias»? Acompanhai-o com o vosso auxílio até à hora da Redenção que se aproxima.*

## Considerações à margem...

Sob esta epígrafe, e neste mesmo lugar, dissemos que o sr. António Lopes de Carvalho andava a remar contra a maré alta da opinião vimaranense sôbre o caso do Monumento de homenagem a prestar aos Heróis da Grande Guerra.

Bordamos então breves e ligeiras considerações à margem de tam magno como importante assunto, verberando o procedimento descabido dêste senhor, procurando desairosa e descabeladamente saltar por cima de tudo e de todos, dando largas à sua insatisfeita vaidade que, neste momento, não agrada nem pode satisfazer a ninguém.

Confessámos sinceramente que estamos a perder aquela consideração em que o tínhamos, ainda há poucos meses, e isto devido a atitudes inexplicáveis, mais pelo seu aspecto bairrista e vimaranense do que pelo seu lado político, no caso presente, sempre de efeitos contraprudecentes e perniciosos ao bom nome da nossa Terra, bem mais digna de melhor sorte, tanto quanto do respeito e consideração quer do sr. António Lopes de Carvalho — vimaranense — quer por parte daquelas outras pessoas que, acompanhando-o nas suas *vaidadezinhas* caseiras, devem manter-se à altura do brio dos Vimaranenses que sempre souberam bem receber e estimar todos quantos por *vontade* ou *por dever de ofício* se encontram em Guimarãis.

Mas, voltemos às nossas considerações. O sr. António Lopes de Carvalho continua nas suas manifestações pecaminosas de contrariar sempre que pode o seu bestunto intelectual quem não está disposto a aceitar as suas opiniões por as julgar inaceitáveis.

Daí o seu *feitio* que o tornou antipático ao modo de vêr da maioria das pessoas, *feitio* que se avolumou no seu espírito desde aquela hora em que, para sua infelicidade e desdita, se fêz *mestre* de tudo, inclusivé o de *arqueólogo* vasio de argumentos capazes de convencer os leigos...

Lamentamos piedosamente ter de escrever estas linhas, mas as suas atitudes, gestos e palavras forçam-nos a tanto.

Porque não olha sua ex.ª para o lado da opinião pública? Porque tanto insurgimento diante da realidade dos factos, procurando inutilizar uma obra que está na vontade e no desejo de todos? Porque ir de encontro a essa vontade e a êsse desejo públicos, desgostando e maguando propositadamente, conscientemente, pessoas que bem longe estavam de supôr tanta maldade aliada à maior da má-fé, as quais o senhor António Lopes de Carvalho não é já capaz de esconder, pois a tôdas as horas e instantes uma e outra navegam à superfície da sua eterna teimosia?

Será porque o senhor António Lopes de Carvalho deseje que o seu nome seja falado e escrito com tôdas as letras, mostrando aos olhos espantados da gente vimaranense o quanto vale e o quanto pesa no *mundo das opiniões?* Se a sua inteligência, se o seu espírito só vêm assim, pobre inteligência e pobre espírito, porque são dignos de lástima e de compaixão.

Reconsidere o senhor António Lopes de Carvalho — se é que ainda vai a tempo — na maneira como vem expondo pùblicamente o seu modo de vêr birrento e anti-Vimaranense. Este caso, que se vai tornando numa questão por sua ex.ª provocada manhosa e sistemáticamente, em nada dignifica o bom nome de Guimarãis, que exigimos que sua ex.ª ponha acima, muito acima das suas *habilidades* de prestidigitador de palavras... e nada mais.

***Afonso França***

## As Câmaras Municipais e os seus agravos fiscais ao povo

**E' preciso que as Câmaras economizem o supérfluo para só gastarem o necessário.**

«Tem encontrado farto eco na imprensa das Províncias a campanha, em prol dos legítimos interêsses do povo contribuínte, a que o nosso jornal se tem votado de ânimo alegre, no aspecto das exigências fiscais incomportáveis que continuam a fazer-lhes certas Câmaras com claro desprêzo das directivas e repetidas indicações do poder central, a-pesar-da lição dada à do Barreiro e outras.

Que nos seja relevado mencionarmos o aplauso que *A Guarda* deu ao último e recente artigo publicado pelas *Novidades* sôbre o assunto, nestas suas palavras tão oportunas e judiciosas:

«Em muitos concelhos a febre fiscal assumiu proporções fantásticas e temerosas. E tôda essa extorsão tributária das Câmaras para quê?

Basta vêr o que se passa por êsse país fóra.

Gastam-se em Avenidas que ninguém vê, Paços do Concelho ró-cócós, em jardinsecos, desarranjos de praças, parques hipotéticos e outras bugigangas, das quais algumas nem o mérito têm da duração, centenas e centenas de contos.

E o pior é que muitas destas coisas se fazem à custa de empréstimos. o que equivale a dizer, que o Concelho tem de pagar essas obras por importâncias mais elevadas.

Quem pagou essas somas?

Os pobres contribuíntes, que andam aí arrasados ao pêso de numerosos sacrifícios, muitos mesmo esmagados ao pêso das privações injustas. Era justo que, ao menos, as aldeias tivessem parte proporcionada na aplicação das receitas, que são a cristalização dos seus suores e das suas canseiras. E que vemos nós por aí fóra?

No geral um abandono quási completo. As condições higiénicas da quási totalidade das aldeias, são mais que primitivas, porque são miseráveis e deshumanas.

Falta-lhes o indispensável para uma limpeza rudimentar, não têm esgotos, nem canalizações de águas. As estradas locais são construídas por conta própria e as escolas funcionam em edifícios, cujas condições de salubridade são incompatíveis com os fins que servem ou deviam servir. O que há feito deve-se, em grande parte, aos esforços do govêrno, que, pelo decreto de comparticipação, tem realizado uma rêde considerável de melhoramentos, que estão no entanto, bem longe de corresponder às mais urgentes necessidades dos povos.

As exigências tributárias dos municípios, na forma extorsiva, que estão tomando, são condenadas não só pelas condições económicas do povo, mas pela própria lei e pelas directivas do govêrno.

E' tempo de se olhar para essa multidão, que trabalha nos campos que não conhece as cabalas dos corrilhos políticos, mas constitue a fôrça mais poderosa da vida nacional.

E' êsse povo, que amanha a terra, no silêncio e na paz, que mais largamente concorre para os fundos da economia pública. E' êle que paga, na maior parte, os grandes tributos nacionais, que dá os soldados para a defeza pública e conserva a riqueza da virtude da raça.

A obra da restauração nacional impõe-lhe sacrifícios, que êle paga sem ambições de mando, sem pedidos políticos aos govêrnos. O seu exemplo, é já em si mesmo, uma poderosa riqueza nacional.

E' preciso que as Câmaras lhe não arranquem a camisa, para a vender na baixa feira dos gastos dispensáveis, senão inúteis, não agravem a situação económica, em redes tributarias, que lhe dificultam o exercício da sua missão patriótica, que merece ser secundada por todos os que

exercem funções de administração pública. As autarquias locais têm um papel de colaboração com os fautores das riquezas regionais.

Se embaraçam os que trabalham no campo ou mesmo não os ajudam na sua elevação social defraudam a missão, que lhes e própria. Esmagar de impostos as suas operações beneméritas, para sustentar nepotismos burocráticos e luxos de urbanização devoradora, é um verdadeiro crime, que os poderes públicos não podem consentir, nos seus propósitos e porque o não permite a lei.»

*N. da R.* — Por acharmos palpitante e cheio de interêsse, no presente, transcrevemos, com a devida vénia, do nosso colega «Novidades» êste importante artigo, com cuja doutrina concordamos.

## Secção Científica

... Sr. Director do "Notícias de Guimarãis„;

A grata aceitação que V. ... deu à minha curiosidade gromètrica num dos números do seu conceituado jornal facilita-me o dirigir-lhe a presente carta.

Há anos foi fundado em Lisbôa o Instituto ou centro de cultura, de alvo principal, se não estou em êrro, fazer ciência.

A êsse propósito penso: Porque não fazer também, àlém da superior, ciência secundária-geral ou especial, e até primária, instituíndo um centro próprio de cada uma? Seria mais uma maneira de ir ao encontro de reparos exteriorizados freqüentemente àcêrca da nossa indolência científica

Serve-me de exemplo a instrução primária:

Gasta anos a conseguir o seu curso um professor primário; é preferido na colocação devido aos valores de saída; é inteligente e com aptidões especiais; e, afinal, para quê? Para por vezes sumir-se numa serra, esquecido, definhando das suas aspirações e do seu mérito.

Que poderia acontecer, porém, se existisse um centro oficial de ciência primária, devido ao qual todos os professores fôssem obrigados a enviar anualmente, em época própria, uma novidade sua, uma originalidade sôbre qualquer matéria do seu ensino ou sôbre fórma de ensino; devido ao qual fôsse publicado um boletim mensal com tôdas as novidades apresentadas e respectiva autoria, distribuído gratuitamente por êsse professorado; e devido ainda ao qual as novidades fôssem valorizadas, sem conhecimento exterior, havendo contudo àlém de um limite positivo, à escala de preferências, e àlém de outro mais elevado, a remessa daquelas para a imprensa diária, com correspondente louvor?

Aconteceria: Como que a intercomunicação de colegas entre si através do boletim, não se sentindo nem desconhecidos nem isolados; a satisfação de verem a sua produção e o seu nome publicados; e àlém disso o estímulo, a esperança em melhores dias e a possível realização das suas aspirações.

E para o centro oficial não faltariam meios de verificar a autenticidade de trabalhos que se tornassem dignos de ultrapassar os limites criadores de vantagens, com a conseqüência de irem sendo pessoalmente conhecidos os produtores dêsses trabalhos.

Por mim entendo que se pode fazer ciência mesmo de coisas mínimas, prova que farei em 3 números subseqüentes, para não roubar agora muito do precioso espaço do jornal de V. ... e para não fatigar os seus leitores.

Refere-se ela a geometria e aritmética:

Livros de Serrasqueiro, por onde estudei, encontro no princípio de um o teorema de que a soma dos 3 ângulos de um triângulo é igual a 2 ângulos rectos. E porque não tentar uma demonstração mais fácil e até simétrica, simetria dominante nas figuras ideais? No principio de outro encontro "potências e raízes„. E porque não revolver uma seriação daquelas a vêr se se produzem efeitos ignorados meus?

E' êsse o motivo da exposição seguinte a esta carta.

Mas ainda há simplicidade maior. Da mera colocação horisontal dos números com diferença constante linear é possível obter deduções, como me sucedeu há uma dúzia e meia de anos, extraindo progressões de resolução sintética.

Permita-me V. ... que nesta ocasião historie umas minuciosidades aparentemente supérfluas, mas na essência explicativas, pois para se fazer ciência é preciso temperamento ou educação crítica, a fim-de descobrir os diferentes matizes do quer que seja.

Estudante no Pôrto e Coimbra, fui-o numa época em que o ensino era por disciplinas e em que a sobrecarga não era demasiada. Com sobra de tempo, a minha geração podia reflectir. Ainda no liceu, ia-se com os costumados 2 tostões de galeria para o bom teatro; ia-se gratuitamente até ao museu; ia-se em caminhadas a discutir prosa ou poesia; ia-se para perto de Monte Pedral vêr a luta de pedras de então; ia-se inclusivé até aos comícios. Daí pròs e contras.

Não havia multiplicidade de conhecimentos capazes de habilitar a biblioteca de ambulante; não havia junção de vozes em canto coral, nem ginástica em conjunto, nem trabalhos manuais, nem preceitos a observar de higiene; mas em compensação havia tempo.

Daí aprender-se a exercitar os músculos livremente, a observar a arte, a contemplar a beleza, a notar as peripécias de luta, a descobrir trucs oratórios, e quantas vezes, à custa de contundentes contratempos, a aprimorar o galanteio.

Já no curso superior, ia-se para Santa Cruz admirar a volubilidade melodiosa do rouxinol; ia-se para o Mondego olhar a habilidade das lavadeiras; ia-se para um e outro ponto assistir à destreza do jôgo do pau; ia-se para o Largo da Feira admirar a estratégia de estudantes em ocasiões recordáveis.

Soma tudo, — a minha geração educara-se na autonomia pessoal, no bastar-se a si próprio; na liberdade, na independência; na faculdade de observação e de crítica. E dela venho eu.

Deixando êsses tempos porém, para entrar na actualidade, ainda prossigo em minúcias:

Vivo intermitentemente em aldeia, em casa modesta, mas mesmo de inverno aprazível: Janelas dos quatro quadrantes; sol do nascimento ao ocaso; miradouro sôbre um lindo vale. Apetece aí locubrar ideas ou remexer nalgum canteiro.

Tem os seus senões, é certo: Luz eléctrica e telefone é coisa que não há; conseqüentemente rádio não há também; centros de conversação só a uns 20 minutos de distância; e estrada... apênas ao fundo da encosta, aos mesmos 20 minutos. Portanto, natural isolamento.

Imagine-se agora o que teriam sido os dias do meado do mês pretérito ao comêço dêste! A um quadrante chuva; a outro vento e chuva; a outro chuva e vento e por fim trovoadas para espairecer. De noite luz interna frouxa; de dia intra-paredes, e água tanta e tanta que até a minha adega, em vez do dôce nectar que as videiras renegaram, começou a brotar água a umas tantas pipas por hora!

Nestas condições com sobra de tempo e impossibilitado para melhor, que fazer? Ciência humilde, a da exposição a que me referi e contudo ciência.

E' pois verdade que a propósito de coisas simples se pode fazer ciência, e até por não haver mais em que entreter.

Vai longe esta carta e por isso a termino. Se V. ... não vir inconveniente na publicação dela e demonstrações conjuntas para os números imediatos, gostosamente lhas entrego, subscrevendo-me

De V. ...

Com tôda a consideração

Vizela, 5-2-936.

*A. A. Magalhãis e Silva.*

**VENDEM-SE** Duas quintas na freguesia de Atãis, próximo à estrada que segue para Rendufe. Pagam 15 carros de medidas. Têm boas casas, bons bravios e água e podem ser vendidas juntas ou separadamente. Também se vende uma casa na rua de Francisco Agra, n.º 40-42-44, com quintal e campo.

Falar na rua Egas Moniz, 61. (33)

## AGRADECIMENTO

Virgílio Vieira de Andrade, Fiscal dos Impostos Municipais, vem patentear a sua gratidão aos Ex.mos Senhores Dr. Mário Dias e Domingos Nobre, enfermeiro competentíssimo, pela dedicação carinhosa com que o trataram durante a pertinaz doença de que ultimamente foi vítima, devendo declarar que aos referidos senhores deve a sua existência.

Este agradecimento é extensivo a tôdas as pessoas amigas que se interessaram pela sua saúde.

Guimarãis, 14 de Fevereiro de 1936.

*Virgílio Vieira de Andrade.*

**DINHEIRO**

Empresta-se sôbre 1.ª hipoteca. Nesta Redacção se diz. (45)

## Aos nossos assinantes de fora e das aldeias

*Estamos a proceder à cobrança de mais um sèmestre do nosso jornal esperando que todos os nossos prezados assinantes e amigos nos dispensem o bom e costumado acolhimento, o que agradecemos.*

## Aniversários

*Dr. João Antunes Guimarãis*

Passa hoje o aniversário natalício do nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Dr. João Antunes Guimarãis, antigo Ministro do Comércio, a quem o «Notícias de Guimarãis» apresenta os seus respeitosos cumprimentos.

*D. Maria da Natividade Simões*

Passa também hoje o aniversário natalício da sr.ª D. Maria da Natividade Simões, dedicada espôsa do nosso querido amigo, sr. Mário de Sousa Menezes e distinta professora do Ensino primário. O «Notícias de Guimarãis» apresenta-lhe sinceras felicitações.

*P.e José Ferreira Leite*

Faz anos na próxima quinta-feira o nosso querido amigo e ilustrado sacerdote, benemérito Padre Mestre da V. O. T. de S. Domingos, rev. José Ferreira Leite.

Por tal motivo o «Notícias de Guimarãis» lhe apresenta sinceras felicitações.

*D. Maria dos Prazeres Ribeiro Vilas*

Fêz ontem anos a sr.ª D. Maria dos Prazeres Ribeiro Vilas Moreira, espôsa do nosso prezado amigo sr. António Renato da Fonseca Moreira.

*Menina Adelaide da Costa Marques*

Completa hoje mais um ano a interessante menina Adelaide Vaz da Costa Marques, filha do nosso amigo sr. António Vaz da Costa Marques e de sua espôsa. Os nossos parabéns.

*Menino José Pimenta Machado*

Completou há dias mais uma risonha primavera o interessante menino José, filhinho do nosso bom amigo e importante industrial sr. Alberto Pimenta Machado e de sua espôsa a sr.ª D. Ana Mendes Fernandes Pimenta. Muitos parabéns.

*Manuel Simões Sobral*

Fez anos no passado dia 10 o nosso presado amigo e conceituado negociante local, sr. Manuel Simões Sobral, a quem felicitamos.

— Fez anos, na quinta-feira, a interessante menine Balbina de Sá Alpoim, filha muito querida do nosso bom amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva Menezes e de sua espôsa.

*Dr. João Aires*

Passou, a 11 do corrente, o aniversário natalício do nosso distinto amigo e ilustre colaborador, sr. dr. João Augusto Aires de Azevedo, Inteligente Conservador do Registo Predial.

Por tão faustosa data, enviamos a S. Ex.ª as nossas felicitações com os desejos muito sinceros de que se repita para muitos anos.

*José Faria Martins*

Fez ontem anos o nosso prezado amigo, sr. José Faria Martins. Apresentamos-lhe, por isso, as nossas felicitações.

## Estação do Caminho de Ferro

Queixam-se-nos de que nos Armazéns da Estação do Caminho de Ferro, continua a notar-se a falta de luz, o que causa grande transtôrno àquelas pessoas que ali vão buscar as mercadorias ou fazer os seus despachos.

Para o caso chamamos a atenção da Companhia, fazendo votos porque não seja preciso voltar ao assunto.

*Sois vimaranenses? Auxiliai, financeiramente, a cruzada do monumento que viu a luz do «Notícias».*

## Augusto Gomes de Oliveira

Este nosso prezado amigo, que ùltimamente exercia o cargo de Director do Distrito Escolar do Pôrto, acaba de ser nomeado Inspector dos serviços Disciplinares do Ministério da Instrução.

O sr. Gomes de Oliveira, que nós conhecemos desde há alguns anos, tornou-se digno da nossa admiração, não só por vermos em sua ex.ª um funcionário com as mais apreciáveis qualidades, mas também por ser um cidadão extremamente delicado, atencioso e correcto. E se há quem tenha tido ocasião de verificar os resultados da sua benéfica acção em prol da instrução popular, ninguém melhor do que nós, os vimaranenses, o pode testemunhar, porque sentimos os efeitos dessa acção quando sua ex.ª desempenhou as funções de Inspector-Chefe da extinta Região Escolar de Braga, revelando então sua ex.ª o seu amor e o seu carinho dedicados à causa da instrução popular, pois que, neste concelho, fez mais em pouco tempo do que outros fizeram em muitos anos. Se todos aqueles que superintendem em assuntos de instrução seguissem o exemplo dêste nosso distinto amigo, não haveria tantas deficiências, nem tantas injustiças.

Em face de tudo isto, devemos confessar a nossa satisfação ao lermos a notícia da sua nomeação para o seu novo cargo, motivo porque sinceramente o felicitamos.

# DA CIDADE

**Baile de Carnaval** — Na séde do Grémio Industrial do Pevidém, vai realizar-se, na noite do dia 22 do corrente, um baile de Carnaval, para o qual estão sendo convidadas muitas famílias desta cidade e de outras localidades. Sabemos que aquela festa, que está despertando grande entusiasmo, será abrilhantada por uma exelente orquestra.

**Romaria do Espírito Santo** — Foram já contratadas para abrilhantar a romaria do Espírito Santo que no dia 31 de Maio próximo se há-de realizar na Lapinha (freguesia de S. Lourenço de Calvos, dêste concelho), as reputadas Bandas dos Bombeiros Voluntários de Guimarãis e do Pevidém.

**Inquérito** — Pelo sr. Carlos Augusto de Campos Ramalho, Inspector de Finanças, em serviço nesta Cidade, foram mandados afixar editais convidando tôdas as pessoas que tenham conhecimento de quaisquer faltas ou irregularidades praticadas pelos escrivãis das Execuções Fiscais, dêste Concelho, a comparecer no gabinete da Presidência da Câmara Municipal em todos os dias úteis até ao dia 22 do corrente, das 11 às 17 horas, a-fim-de prestarem as suas declaraçõs no processo de inquérito a que, por Ordem Superior, se está a proceder.

**Dr. João Gomes Paulo** — Tomou há dias posse do lugar de Juiz de Direito, desta Comarca, o ilustre Magistrado dr. João Gomes Paulo, que, segundo recente despacho do Ministério da Justiça vai ser transferido para Setúbal, vindo substituí-lo o sr. dr. Artur Augusto de Oliveira Valente, que, como noticiamos, deve tomar posse dentro de breves dias.

**Grupo Cénico «Mocidade Alegre»** — Nos próximos dias 23 e 25 de Fevereiro, por ocasião das Festas Carnavalescas, vai êste popular conjunto artístico da nossa terra realizar dois esqectáculos no Teatro Municipal Fonseca Moreira, da Vila de Felgueiras, para o que foi convidado por uma comissão composta por ilustres felgueirenses. Dada a comprovada competência dos elementos que compõem aquele apreciável conjunto, já muitas vezes pôsto à prova em espectáculos interessantíssimos, de esperar é que mais uma vez se saiam bem, honrando-se a si e honrando aqueles que confiam nos seus recursos artísticos.

O Grupo far-se-á acompanhar por uma excelente Orquestra-Jazz, organizada pela pianista vimaranense Sr.ª D. Margarida Policarpo Teixeira.

**Operação** — A-fim-de se submeter a uma melindrosa operação, recolheu à Casa de Saúde do distinto médico Portuense sr. dr. Abel Pacheco, a dedicada espôsa do nosso bom amigo e distinto colaborador sr dr. Américo Durão. Desejamos as melhoaas da bondosa enfêrma.

**Orquestra Vimaranense** — Este distinto conjunto artístico, reorganizado há dias, acaba se ser contratado para abrilhantar um luzido baile Carnavalesco que se realiza domingo, 16 do corrente, no Grande Hotel Universal, em Vizela.

Também está convidado para as matinées de Carnaval que se vão realizar na séde do Orfeão de Guimarãis.

Nas noites de 23 e 25 do corrente, vai, também, abrilhantar os espectáculos que o «Grupo Dramático Vimaranense» promove no Salão de Festas do Asilo de Santa Estefânia.

Esta Orquestra adquiriu, a expensas suas, um excelente Jazz-Band, fornecido pela acreditada Casa Portuense, Francisco Guimarãis, Filho & C.ª.

**Grupo Dramático Vimaranense** — Reina grande contentamento com a reaparição dêste grupo nas noites de 23 e 25 do corrente.

Consta-nos que à frente do mesmo se encontram pessoas competentes e animadas em o fazer reviver.

Há já grandes pedidos de bilhetes o que nos leva a crer que vão ser duas casas à cunha.

**Academia das Belas Artes** — A Academia Nacional das Belas Artes elegeu seu sócio o sr. Alfredo Guimarãis, director do Mvseu Alberto Sampaio, desta cidade.

**Dr. Alberto Roque de Figueiredo** — Este nosso prezado amigo e distinto clínico, mudou o seu consultório para a Praça de D. Afonso Henriques, n.º 86-1.º.

**Assembleia Vimaranense** — No próximo Carnaval vai realizar-se no salão nobre da Assembleia Vimaranense, um elegante baile que promete atingir grande brilhantismo.

**A Câmara vai comprar um autumóvel** — A Câmara recebe propostas, ema carta fechada, até às 15 horas do dia 27 do carrente, para o fornecimento de um automóvel ligeiro, ao Município, e nas condições seguintes:

1.º — O seu custo não deve ser superior a 20 contos;

2.º — O carro deverá ser de 4 lugares;

3.º — A Câmara reserva-se o direito de optar pela oferta mais vantajosa.

**Pedido de casamento** — Pelo sr. Dr. Alberto Ribeiro de Faria, foi há dias pedida em casamento para o seu colega, o sr. Dr. Carlos Saraiva, filho do nosso prezado amigo, sr Manuel Augusto de Saraiva Carvalho Brandão, a gentil sr.ª D. Emília de Freitas Ribeiro, filha do nosso prezado amigo e abastado capitalista sr. António de Freitas Ribeiro e de sua esposa a sr.ª D. Joana Emília Leite Lemos Ribeiro.

O enlace realiza-se brevemente.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

**Foto Bsleza** — O nosso prezado amigo, sr. Manuel Alves Machado, hábil repórter fotográfico, acaba de organizar uma linda colecção de fotografias dos principais monumentos de Guimarãis e das mais lindas paisagens do concelho, destinada à Exposição Nacional de Concurso de fotografias, organizada pelo «Século».

A artística colecção tem estado exposta na Casa das Gravatas. Felicitamos aquele nosso amigo pelo seu primoroso trabalho.

**Cumprimentos** — Ao nosso prezado amigo sr. José Maria Pinto de Almeida, nosso solícito correspondente em Lordelo, apresenta o «Notícias de Guimarãis» os seus cumprimentos pelo falecimento de um seu filhinho, acompanhando-o assim na sua grande dôr.

**José Ribeiro de Freitas** — Foi nomeado professor de desenho e debuxo da nossa Escola Industrial e Comercial «Francisco de Holanda» o nosso prezado amigo e conterrâneo e hábil Artista sr. José Ribeiro de Freitas a quem por tal motivo felicitamos.

**Nascimento** — Deu à luz uma criança do sexo feminino a espôsa do nosso amigo sr. Agostinho Dias de Castro.

Parabéns.

**Manuel Matos Júnior** — Foi ùltimamente transferido do concelho de Manteigas para o de Vieira do Minho, êste nosso querido amigo e prezado conterrâneo sr. Manuel Luís de Matos Júnior, inteligente e distinto Secretário de Finanças, a quem, por tal motivo, endereçamos os nossos sinceros parabéns.

**Cromo-Calendário** — A Emprêsa Fabril do Norte, Limitada — Senhora da Hora — teve a gentileza de oferecer à Redacção do «Notícias de Guimarãis» um lindissimo calendário para 1936.

E' incontestàvelmente um trabalho artistico, cheio de bom gosto.

Cada folha tem o seu motivo, acompanhado de rèclames alegres e sugestivos à indústria explorada pela Emprêsa Fbril do Norte, Limitada, desde os seus algodõeg finos até aos tecidos de qualidade que honram a manufactura nacional.

Parabéns à Litografia Maia, do Porto, por tão formoso trabalho saido das suas oficinas e os nossos agradecimentos à Empresa Fabril do do Norte, Limitada.

**Teatro D. Afonso Henriques** — O Sr. Governador Civil transmitiu ao sr. Presidente da Câmara que foi autorizada pelo sr. Ministro do Interior a reconstrução do velho Teatro D. Afonso Henriques.

**Romaria de S. Braz** — Realizou-se no domingo, na freguesia de S. Jorge de Selho (Pevidém), a antiga romaria de S. Braz, que, por causa do mau tempo, foi menos concorrida que nos anos passados.

**Novo assinante** — Pediu a assinatura do «Notícias de Guimarãis» o sr. Francisco Alves da Silva Lobo, desta cidade.

Agradecemos,

**VENDEM-SE**

Duas quintas na freguesia de S. Martinho de Sande. Pagam 18 carros de medidas. São alodiais, terrenos juntos, bons bravios e água, e também podem ser vendidas separadamente.

Tratar com o advogado Dr. Fernando Aires. (41)

**Prédio** — Vende-se — na rua da Rèpública.

Recebe propostas o sr. Albano Pires de Sousa, morador na mesma rua. (35)

## NOTICIAS PESSOAIS

Estiveram ligeiramente incomodados, encontrando-se já restabelecidos oa nossos bons amigos srs. António Teixeira de Aguiar e António de Sousa Lima.

— Esteve nesta cidade, acompanhado de sua esposa o nosso conterrâneo e distinto médico operador, residente no Pôrto, sr. dr. Pedro Guimarãis.

— Regressou de Lisboa onde foi em serviço forense o nosso bom amigo e distinto colaborador sr. dr. João Neto.

— Deu-nos o prazer da sua visita o nosso bom amigo e conterrâneo sr. Valeriano Abreu, residente em Lisboa.

— Agravaram-se os sofrimentos do nosso prezado conterrâneo sr. Agostinho de Oliveira Bastos.

— Continua gravemente enfêrma a espôsa do nosso presado amigo sr. João Ribeiro Dias.

— Tem experimentado algumas melhoras a sr.ª D. Julieta Guimarãis Pinheiro, esposa do nosso presado amigo sr. José Pinheiro.

— A-fim-de ser submetido a uma nova operação, recolheu a um dos hospitais do Porto, onde tem estado bastante doente, o menino Joaquim Ribeiro Cardoso Romano, cunhado do nosso prezado amigo e distinto colaborador, sr. Manuel Alves d'Oliveira.

Desejamos as melhoras aos doentes.

— Encontra-se restabelecido, com o que muito folgamos, o nosso prezado amigo sr. dr. Joaquim Ferreira Leão, digno Engenheiro Municipal.

— Em Lisboa, onde é distinto professor, tem estado algo encomodado o nosso bom amigo sr. dr. José Maria de Moura Machado. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

## FALECIMENTOS

### Fernando da Costa Freitas

*A notícia do falecimento dêste ilustre vimaranense, ocorrido na tarde de sexta-feira, depois dum cruciante sofrimento, encheu de luto o nosso coração, pois o nosso querido amigo sr. Fernando Augusto da Costa Freitas, cavalheiro de primorosas qualidades de carácter e excelsas virtudes, foi um sincero e desinteressado colaborador do "Notícias de Guimarãis„, fazendo realçar as suas colunas com o primor da sua prosa cheia de leveza e de simplicidade, posta ao serviço de Guimarãis, que êle muito amava, defendendo o seu progresso e os seus interêsses.*

*O saüdoso extinto, que contava 66 anos, era no nosso meio muito estimado e admirado. Filho do grande vimaranense, que se chamou o Dr. Avelino Germano da Costa Freitas, o sr. Fernando da Costa deixa viúva a ex.ma sr.ª D. Luciana Barroso da Costa Freitas, que ora chora a perda do seu extremoso espôso.*

*O funeral do nosso querido e saüdoso amigo realiza-se, hoje, pelas 11 horas, no vasto templo da V. O. T. de S. Francisco.*

*No próximo número daremos notícia mais circunstanciada do que foram os seus funerais, como também outras notas biográficas do saudoso Fernando da Costa Freitas.*

*Pedindo a Jesus pelo eterno descanso da sua alma bondosa, apresentamos à Ex.ma Viúva e demais ilustre Família a expressão sentida do nosso fundo pezar.*

*— Em Lisboa faleceu o sr. Domingos Martins Gonçalves, cunhado dos nossos amigos srs. António Francisco Ferreira de Castro e José de Oliveira, aos quais apresentamos condolências.*

*— Faleceu o operário António da Silva, de 18 anos, filho do sr. Lourenço da Silva, que regressara de Coimbra, onde foi submeter-se a uma operação.*

*— Na sua residência à rua de D. João I faleceu, em avançada idade, o sr. Augusto José de Sousa, antigo carcereiro da Cadeia Comarcã. O seu funeral realizou-se, com numerosa assistência na capela de S. Francisco. Pezames à família.*

## Pela Câmara

Na sua última sessão camarária o vereador sr. António Lopes de Carvalho apresentou a seguinte proposta, que foi aprovada:

«Bernardo Valentim Moreira de Sá, o insigne musicógrafo, nasceu em 14 de Fevereiro de 1853 em uma casa da rua de Camões, desta cidade. Oliveira Martins e Teixeira Gomes exalçaram a nobre figura moral e artística do glorioso filho de Guimarãis. A Sociedade Martins Sarmento vai homenageá-lo como merece. Fica bem à Câmara Municipal tomar parte nesta consagração póstuma mandando colocar na frontaria da casa brazonada onde o mestre erudito nasceu, uma lápide onde, quem passa, possa ler êste singelo registo da sua memória: — Bernardo Valentim Moreira de Sá — Musicógrafo insigne — Aqui nasceu em 14 de Fevereiro de 1853».

— Pelo sr. Ministro do Interior foi determinado que o fabrico e venda de pão claudestino, seja rigorosamente reprimida, de forma que se possam ser exercidas pelos industriais de panificação e vendedores de pão devidamente licenciados pela Inspecção Tecnica das Indústrias e Comércio Agrícolas.

# DESPORTO

**O «Vitória» empata com o «Leixões» por 2 a 2, num jôgo em que o grupo vimaranense teve de suportar a deslealdade de anti-desportistas a rudeza de quaisquer estivadores, e a fôrça bruta de valores negativos do foot-ball português.**

Como anunciamos, o *Vitória* jogou no passado domingo com o *Leixões* do Pôrto, tendo empatado por 2 a 2.

Dizer o que foi êste desafio, relatar a partida que o sr. Augusto Lopes, de Aveiro, dirigiu na sua qualidade de árbitro, ou descrever a bruteza anti-desportiva que o grupo vimaranense suportou, o mesmo é que pedir «alvíssaras» à Federação Portuguêsa de Foot-ball, por consentir como filiado seu um grupo que é negação mais absoluta do desporto nacional e que, em qualquer parte, deshonrará a divisa que seja apanágio de desportistas, ainda dos mais exaltados.

Nunca se viu coisa assim, senhores!

Um grupo, um autêntico grupo de «varredores» de feira, pontapeteando mal a bola e usando da deslealdade como quem, no esconso duma viela, espera a vítima para perpretar a mais hedionda das traições!...

Um grupo de valores negativos do *foot-ball* português, recorrendo do corpo como da mais abjecta das armas brancas, falho de técnica, falho de valores individuais e falho de «association»!...

Só quem assistiu a êste jôgo, poderá aquilatar da **veracidade destas palavras**, que jàmais se retirarão, dado o degradante espectáculo que se presenciou e que o sr. Augusto Lopes consentiu sem qualquer gesto de superior autoridade que não fôsse a expulsão de um austríaco... *còrado* que primou pela sua ignorância crassa em materia de *foot-ball* e que, em todo o tempo de jôgo, mimoseou os componentes do grupo vimaranense com rasteiras de verdadeiro *apache* e com atitudes insolentes que só valeram por se tratar de um estrangeiro... aciganado.

Em todo o tempo de jôgo — pois a sua expulsão deu-se aos 6 minutos da final da partida!

Mas... os cordeiros também sabem vestir a pele do lobo, e, regalou todos quantos os apreciaram, a lágrima carpida em honra, não sabemos de quê (?), chorada, cuspida e fungada em certos jornais diários, para desconchavo da mísera honorabilidade dos desportistas sãos, conscientes e leais — lágrima tão avinagrada, que, apesar de não acusar densidade de maior na sua aparente mistura com o azeite, contudo revela o estôfo moral de quem já sofreu pesado castigo da F. P. F. e, mais ainda, o descôco de vir disputar uma prova para que não estava, nem de longe, preparado.

— Saibam-no todos...

O *Vitória* de Guimarãis jogou melhor, revelou possuír qualidades excepcionais para ganhar ao seu adversário, sem intervenções *parciais* de árbitros, dominou-o durante o 2.º tempo, bateu mais vezes as suas rêdes e sofreu, em suma, tôdas as tropelias e actos infamantes do contendor.

Alegue-se, muito embora, a boa-vontade do sr. Augusto Lopes em usar do apito com acêrto. O que é certo, porém, é a sua placidez no decorrer do encontro, o gôso que usufruíu na violência dos *players* (?) de *Leixões* e a ternura de coração só posta à prova ao ver estatelado qualquer alvi-negro que, a exemplo do 1.º desafio, saía dorido ao pretender disputar a bola com o adversário.

O agrupamento de Puskas, cuja ausência desta terra só foi saüdada com um *uff* (!) de alívio, merece que os altos-poderes do Desporto o venham apreciar e ver.

E' e deve ser o único no País!

Nada de nada, coisa de somenos, o peor das coisas peores.

Mal vai aos *tripeiros* se se apoiam em *èquipes* de tal jaez para encontrar representação de valia para o *Foot-ball* nortenho.

Basta inumerar êstes factos ocorridos:

— No 1.º desafio: Alberto Augusto é fortemente tocado numa perna a ponto de lhe provocar uma distensão muscular; José Maria, sofre um desmaio proveniente de uma cabeçada propositadamente «marrada»; Clemente é «ensandwichado» inúmeras vezes; João Jesus em pleno salto é «rasteirado» por uma mão que fortemente o segura e faz trambulhar...

No 2.º desafio: Laureta é ameaçado 2 vezes; Clemente sofre dois costelões e 3 rasteiras de queda desamparada; João Jesus é duramente cotovelado ao pretender rematar para as redes; Adélio, sofre um choque de um avançado que não perde a oportunidade de o tocar na cabeça com os pés; Alberto Augusto é de novo tocado no joelho e tornosêlo com ganas de o inutilizar; e Vergílio é empurrado desapiedadamente.

— Como pano de amostra, é recomendável e assegura a excelência do fabrico.

*L. C.*

*Nota do cronista:* O grupo vimaranense esforçou-se e revelou possibilidades que ninguém poderá contestar. Foi *team* de atuação superior, massacrou o adversário, embora alguns dos seus sectores não jogassem à altura do seu nome. Seja-nos, porém, permitido destacar Clemente, Alberto e Vergílio, o último dos quais fêz uma exibição brilhante, combativo e proficiente, dando o máximo rendimento à linha dianteira. Sempre o Vergílio apagado mas que bem se desempenha do seu lugar! Felicitamo-lo pelo seu amor clubista.

---

**Ainda o primeiro Vitória-Leixões — Anotações a uma carta.**

Lêmos no «Primeiro de Janeiro», na página desportiva, a notícia de receberem na redacção dêsse importante jornal portuense, enviado por o Leixões S. C., um extenso ofício contestando as afirmações vindas a público, àcêrca do primeiro encontro Leixões-Vitória de Guimarãis.

Não publica o mesmo jornal na integra o ofício recebido, por falta de espaço — segundo afirma — e é pêna, porque nos inibou de apreciar condignamente o seu conteúdo.

Diz o «Primeiro de Janeiro», que lhe parece «ter havido exagêro na descrição da forma como o Leixões se comportou em campo, exagêro êsse provado insofismàvelmente pelo árbitro do encontro sr. Augusto Lopes, de Aveiro» e publica uma carta dirigida à Direcção do L. S. C. por êste sr., que entre outras referências diz o seguinte: «nada tive que censurar a exibição feita pelos jogadores dêsse Club, pois embora jogassem enèrgicamente e por vezes com a dureza própria de um jôgo de campeonato, nunca excederam as boas regras do futebol «association» portando-se com tôda a correcção e acatando sem a menor relutância as minhas decisões como árbitro. O mesmo se deu com o grupo antagonista».

Diziamos nós, aqui, neste jornal, em apreciação ao serviço do árbitro nesse encontro, o seguinte: «A arbitragem a cargo de Augusto Lopes de Aveiro, foi imparcial, salvando-se assim da falta de energia e severidade em reprimir convenientemente a violência em princípio».

Pelo que aduz o sr. Augusto Lopes, na carta dirigida à direcção do L. S. C., mostra ignorar — o que é doloroso constatar — que não basta assinalar uma falta e castigá-la com a penalidade respectiva, para que a violência desapareça dum encontro! O jogador brutal só receia o castigo, quando da sua marcação resulte «goal» certo contra o seu «team», o penalty por exemplo; ou, a advertência severa de expulsão do rectângulo na reïncidência da brutalidade.

Não seguiu esta norma o árbitro dêsse encontro —, embora surgissem diversas oportunidades durante os 45 minutos —, norma essa, todavia, indicada pela F. P. F. A., nas suas advertências aos árbitros antes de principiar o campeonato das Ligas.

O interior-direito do Leixões, foi diversas vezes reïncidente em faltas graves, assinaladas pelo árbitro, assim como outros jogadores da mesma èquipe. Do Vitória, houve também faltas de menor jaez, como resposta, sem que o juíz do campo advertisse peremptòriamente os seus autores.

As rasteiras e cargas violentas com e sem bola foram freqüentes, e pelo que se vê na opinião do sr. Augusto Lopes, isto não é suficiente para «excederem as boas regras do futebol association».

Criticando pùblicamente a acção dos jogadores do Leixões nesse meio e único tempo de desafio, como causadores das cênas pouco edificantes que esmaltaram êsse jôgo, prestamos um serviço inextimável ao Desporto e ao Foot-ball em geral.

Apontar como crime a violência e brutalidades do foot-ball, quando praticado por jogadores pouco conscienciosos, é evitar futuras conseqüências lamentáveis, idênticas àquelas, que os jornais há poucos dias publicaram, e que tirou do número dos vivos James Thorpe, o famoso keeper inglês e mandou para o hospital, Drake, o maior avançado centro da Inglaterra.

***Almeida Ferreira.***


## FÁBRICA

Vende-se uma fábrica manual de tecidos, pronta a funcionar, com todos os seus pertences, situada no Lugar da Beira — freguesia de Nespereira.

Tem 8 teares Jacquard e 7 simples.

Informa-se na redacção dêste jornal. (43)


# DO CONCELHO

*Briteiros, 12.*

Apezar do mau tempo, o movimento, em Janeiro p. p., na Citânia de Briteiros, foi de uns 250 excursionistas.

E no posto do R. Civil local, foi de: nascimentos, 10; óbitos, 3; casamentos, 2.

— O tempo continua chuvoso e sem aspecto de melhorar tão cêdo, o que prejudica imenso os trabalhos do campo, pelo que os lavradores andam muito apreensivos, e com razão.

— Fôram presos, ontem, dois larápios desta freguesia, sendo um dêles de 17 para 18 anos, mas que tem praticado inúmeros roubos, por terem roubado, há dias, três perús, na Quinta da Igreja, e um perú e dois galos, na Quinta do Paço, desta mesma freguesia. São ambos rapazes novos, cheios de vida e saúde, que vão ser entregues ao poder judicial.

— Como já é do domínio público, deu-se, na noite de domingo 2, para segunda-feira 3 do corrente, nesta freguesia, e na taberna de João Joaquim Ferreira, altas horas da noite, uma grave e lamentável desordem, que atirou com um homem para a sepultura, e com dois outros, muito feridos, para a cadeia, sendo todos êles novos, cheios de vida e saúde.

Segundo uma testemunha ocular, os irmãos Costas (Pedro e João), acompanhados dum terceiro irmão, êste uma criança, talvez dos seus 12 anos, precisando de falar com um tal João Maia, seu patrão, visto êste dar-lhes trabalho, a-fim de êle lhes indicar o serviço que tinham a fazer na segunda-feira, tendo-o, para tal efeito, procurado em casa, já de noite, mas não o tendo encontrado, dirigiram-se à tal taberna, munidos, um, de pau e, outro, de vergásta, como é natural nesta gente da aldeia, e onde de facto o tal Maia tinha estado momentos antes. Porém, como já tivesse saído, mandaram deitar meio litro de vinho, que, com outros que ali estavam, fóra do balcão e a quem ofereceram, beberam.

O João da Costa, pelo visto depois de beber, vendo ou notando que estava gente a comer, beber e a falar, na cosinha, atravessando a taberna, talvez com o fim de verificar se ali estava o tal Maia, dirigiu-se à cosinha, onde encontrou José Fernandes Marques, José Macêdo, João Pereira, sapateiro, e José Dias, que ali estavam comendo e bebendo.

Este último, agora falecido, vítima da desordem, que, como já noticiamos, tinha fôrça e, pelo visto, gostava de mostrar que a tinha, e que, além disso — segundo consta — já tinha por vezes, batido nos irmãos Costas, pegou na vergásta do João e, com uma navalha ou canivete, começou a aparar-lhe os galhos, partindo-lha em seguida, a meio, ficando com metade e dando a outra metade ao sapateiro, depois de preguntar a êste se era a metade da vara ou a vergá ta que êle queria.

Em seguida, oferecendo vinho ao dôno da vergásta, ofendido, êste recusou, agradecendo, dando-lhe o Dias, acto contínuo, uma tremenda bofetada, que o fez caír a alguns metros de distância, entre uns potes.

O João da Costa, que, com a queda, deixára o chapéu no chão, não teve a mínima frase ou gesto de desafronta. Sendo imediatamente convidado, pelo Dias, a apanhar o chapéu, recusou-se a fazê-lo, dizendo que o deixaria ali. O Dias, porém, não se dando por satisfeito, descarregou-lhe nova e tremenda bofetada, seguida de dois violentos pontapés, que o agredido recebeu ainda sem procurar desforra, pedindo pelas almas que não lhe batessem mais.

Os senhores Jerónimo Fernandes e José Macêdo interviéram, nesta altura, desapartando o José Dias do João da Costa, pois aquêle continuava a agredir êste.

Foi então que entrou o Pedro, irmão do agredido, da loja, onde se conservava, para a cosinha, onde se estava desenrolando a cêna de sôcos e pontapés, cujo único alvo era seu irmão.

Logo à sua entrada, o sapateiro preguntou-lhe se também queria vinho, ao que êle respondeu que não tinha apetite. O oferente, então, deitou-lhe o vinho pelo peito abaixo.

Então o Pedro, também ofendido directamente, disse-lhes: "Vocês não façam pouco de mim, pois eu não sou nenhum cão„. E, pegando num ferro cortante, do ofício de tamanqueiro, e que ali encontrara à mão, pois o dôno da taberna é tamanqueiro, e, pelo visto, depois de ter sido desarmado do pau que levava, disse-lhes que não avançassem para êle.

Não obstante isso, avançaram para êle: João Pereira, sapateiro; José Dias e José Fernandes Marques, desarmando-o e agredindo-o violentamente num braço e no pescôço, com o mesmo ferro, ao que parece, dando-lhe vários sôcos, apezar de indefêso. Nesta altura interviéram novamente os senhores Jerónimo Fernandes e José de Macêdo, que conseguiram desapartá-los. Tudo isto dentro da cosinha e da loja, visto terem vindo novamente dali para aqui.

Tendo o José Dias apanhado novamente o Pedro à mão, arrastou-o para fóra da loja, para a estrada, metendo-o debaixo dêle e socando-o nova e valentemente, pisando-o com os pés, etc., e gritando o irmãosito, nesta altura, por socorro, conseguindo os dois senhores, que momentos antes os tinham desapartado, desapartá-los novamente.

Nesta altura, quando pela terceira vez fôram desapartados, agredidos e agressores, aquêles desapareceram, entrando êstes novamente na taberna e mandando preparar chouriço, que comeram, regando-o com vinho assucarado, e tomando café por cima.

Quando se deram por satisfeitos... saíram, seguindo à frente os srs. Jerónimo Fernandes, João Pereira e José Fernandes Marques, e, mais atrás, a conversar, José Dias e José de Macêdo.

Tendo andado cêrca de duzentos a trezentos metros, encontraram, de frente, os dois irmãos Costas, munidos, desta vez, um, com um forcado, outro, com uma enxada, o que se podia vêr bem, atendendo ao luar claro como estava.

Vendo os, o José Fernandes Marques cresceu de pau para êles, sendo então, nesta altura, agredido com uma cacetada vibrada pelo João, que teve o cuidado de ficar com a pá da enxada voltada para si, dando-lhe com o cabo, e o que parece provar que não levava intenção de matar, mas tão sòmente de se desafrontar, sem grandes ferimentos, visto que nem para a cabeça lhe deu, pois via se bem, como acima fica dito, em virtude do luar que fazia.

Vendo isto, o sr. Jerónimo Fernandes disse aos Costas que se contivéssem, senão que os prendia, em virtude de ser regedor-substituto.

Então, o Fernandes Marques e o sapateiro, fôram para trás chamar o Dias e o Macêdo, que não se fizeram esperar, indo em perseguição dos Costas, até perto de casa dêles, e sem que esta ficasse em caminho da casa de qualquer dos perseguidores.

Foi então que, já perto da Casa da Corujeira, onde moram os Costas, quando os primeiros agressores e perseguidores se dirigiam para ali, aquêles, naturalmente na iminência de serem novamente agredidos ou desinquietados mesmo em casa, tiveram de os enfrentar, oferecendo-lhes resistência, pois já estavam com um terceiro, chamado José Valente, e que, pelo visto, na ocasião ia casualmente a passar, a caminho de casa, e vindo de outra taberna, sendo então o Dias, que era muito valente e por todos temido, agredido com o forcado que, — segundo também dizem — lhe fôra arremessado de longe, e com uma só mão, visto que, o que lho arremessou, estava muito ferido no outro braço e com êle não podia fazer movimento algum.

Tudo isto é o que nos disseram testemunhas oculares, e cremos, livres de paixões.

Consta-nos que as testemunhas seguem àmanhã para Guimarãis, para serem, ao que parece, interrogadas.

Se, ao serem separados pela terceira vez, agressores e agredidos, seguissem imediatamente para suas casas, em vez daquêles entrarem novamente na taberna, e já altas horas da noite, para comer e beber ainda mais, a desordem teria tão lamentável e trágico desfecho?

E se estivessem na taberna só as três vítimas, a desordem ter-se-ia dado?

E se a taberna já estivesse fechada, como já eram bem horas?

E, acaso, para o desfecho de tão tremenda, lamentável e trágica desordem, não contribuíriam, mesmo directamente, algumas das senhoras testemunhas, que também distribuíram sôcos?

E, se assim é, não lhes ficaria melhor o banco dos réus?

Lá está a Justiça dos homens, para agora; e a de Deus, para mais tarde.

*C.*

---

*S. Torcato, 14.*

No sábado da pretérita semana, realizou-se na linda capelinha particular da casa d'Agra desta freguesia, com muita concorrência e brilhantismo, o consórcio do Snr. Vasco Burmester Martins, filho do sr. dr. Luiz Martins da Costa e de D. Maria Luíza Burmester Martins, falecida, com a sr.ª D. Maria de Oliveira Martins, ilustre filha da sr.ª D. Maria de Sousa Martins e do sr. Francisco Ribeiro Martins da Costa, importante capitalista e proprietário do Concelho.

Celebrou êste acto o rev.º P.e João, abade de Mesão-Frio, que acolitado por colegas, celebrou missa solene.

Foi servido um *lunch*, tendo decorrido tudo com animação, dansaram ao som de uma estúrdia que abrilhantou o local.

De tarde todos retiraram cheios de alegria, indo os noivos em seguida para o Porto em gôsos nupciais.

Um futuro feliz é o que do coração lhe desejamos.

— Na semana passada, acompanhado de sua Ex.ma família, visitou esta estância o importante industrial de Guimarãis, sr. Alberto Pimenta Machado, juíz da Irmandade de S. Torcato.

Os nossos cumprimentos.

— Na sexta-feira da pretérita semana, deu-nos a honra da sua visita a esta localidade, o sr. Camilo Areias, abastado proprietário em S. Torcato.

— O caminho que liga a igreja matriz desta freguesia até à estrada pública, está intransitável, necessitando portanto imediatas reparações.

Aquém compete solicitamos providências.

— O sol cumprimentou-nos, com pouca demora, infelizmente.

A chuva não se cansa de nos apoquentar consecutivamente, apesar das preces diàriamente feitas, solicitando do divino criador melhor tempo.

Oxalá que sejamos ouvidos.

— Os crimes nêste concelho, aumentam de dia para dia, oxalá que os ilustres Magistrados desta comarca, ponham côbro a êste vandalismo anti-humano, que se tem praticado, aplicando com todo o rigor a justiça para exemplo de futuros; do contrário isto tornar-se-há em pouco tempo comparado à Mandchúria, onde os cidadãos bons teem a vida à mercê de qualquer bandido.

— Na semana passada, deu-nos a honra da sua visita a esta estância, acompanhado de sua ex.ma espôsa sr.ª D. Maria Olinda Gomes da Costa Fernandes, o nosso ilustre amigo sr. António José de Oliveira, digno professor e jornalista em Braga.

Os nossos cumprimentos.

— Na manhã de segunda-feira última, após um prolongado sofrimento, faleceu nesta estância, com 80 anos a sr.ª D. Emília Ribeiro de Faria e Silva, proprietária.

Era muito caritativa, a sua falta deixa aqui, profundas saüdades.

O seu funeral realizou-se na 4.ª feira, foi sepultada no jazigo de família, no cemitério desta freguesia.

Descance em paz.

A' família enlutada apresentamos os nossos sentidos pêsames.

*C.*

---

*Simpatizais com o monumento? Ajudai a erguê-lo, monumentalizando o vosso civismo.*


## Arrendamento

Arrenda-se uma quinta e um engenho de linho, sitos na freguesia de Oleiros, dêste concelho.

Falar nesta redacção. (22)


## Curiosidades Mundanas

**A cidade mais asseiada do mundo**

*Uma revista de higiene, de Chicago, publicou há pouco, um artigo sôbre o asseio relativo das cidades europeias e americanas, segundo as conclusões do doutor George Soper, no regresso da sua viagem de estudo pela Europa.*

*Conclui-se, das páginas em questão, que, se certas cidades americanas estão nesse ponto, muito adiante das do velho mundo, são, contudo, muito menos bem cuidadas do que outras da Europa. O doutor Soper dá a palma a Munich cujas ruas, praças e jardins públicos são objectos de tais cuidados que, em vão se procuraria o menor pedacinho de papel, a menor casca de laranja sôbre o asfalto ou o empedrado das ruas. Uns cêstos, destinados a receberem o que se lhes quiser deitar, estão colocados aqui e acolá e são escrupulosamente cheios pelos cuidadosos habitantes da cidade.*

*E, desta forma, freqüentemente despejados pelos encarregados dêsse serviço.*

*Em Nova York, os automóveis levantam muita poeira que o vento espalha em todo o sentido. A' menor brisa o ar fica cheio de poeira e de pedaços de papel. Os pulmões sofrem com isso, assim como os olhos e também o fato, que tem sempre a aparência de andar mal escovado.*

*Tais são, pelo menos, as conclusões do doutor Soper, que tem palavras elogiosas para Paris, cujas ruas, diz êle, são muito bem lavadas e com grande abundância de água.*

**Glória póstuma**

*Apesar da voga dos acendedores automáticos, de todos os modêlos e de tôdas as dimensões, os húngaros preparam-se para festejar o centenário do inventor dos fósforos. Trata-se de um certo João Irinyi, cujo nome vai ser dado a uma das ruas de Budapest.*

*E, como se esta glória não bastasse à velha cidade, fala-se já em realizar em 1938 uma solene homenagem à memória do serralheiro José Kliejel, que estabeleceu os planos da primeira máquina de compôr, cuja "maquette„ é conservada num museu húngaro.*

*Este inventor morreu em 1870, na maior miséria.*

**Guilherme I**

*Por tôda a Alemanha estão erigidas quatrocentas e dezóito estátuas ao imperador Guilherme I, o feliz vencedor da França, Dinamarca e Austria, em 1864, 1866 e 1871.*

**Um hidrostato que pode atingir grandes profundidades**

*Uma notícia de Berlim diz que comunicam de Moscovo que a Sociedade de Recuperações Marítimas "Epron„ iniciou a construção de um hidrostato, capaz de atingir as máximas profundidades do oceâno e que nada tem de comum com o aparelho em que o progressor Beebe atingiu a profundidade de 900 metros. O hidrostato terá a forma cilíndrica, poderá conter duas pessoas e será munido de quarenta aparelhos científicos, entre os quais um de telefonia sem fios, uma máquina fotográfica e outra de cinematografia. No caso de se quebrar o cabo de aço de suspensão, o aparelho voltará à superfície, mediante o jôgo de determinados dispositivos. O fim em vista é trazer à superfície as riquesas que jazem em barcos afundados.*

**Vestígios de um grande império**

*No próximo verão seguirá para a Tartária uma expedição científica russa, a fim de prosseguir as escavações iniciadas em 1933, no local da antiga cidade de Suvar, um dos principais centros do antigo império búrgaro do Volga, do qual existem pouquíssimos documentos. Nas anteriores pesquizas, encontraram-se várias habitações.*


## CASA

Vende-se a da rua Egas Moniz n.º 81 a 87, de 2 andares, estando devoluta.

Para tratar, falar com João António de Sampaio — Guimarãis. (38)


*Sois assinantes do «Notícias»? Defendei-o para que êle siga, triùnfalmente, o caminho: por Guimarãis! pela nossa terra!*

## Dos Livros. Dos Jornais.

**Galinhas** — Acaba de sair o n.º 3 da «Colecção Agrária»: *Galinhas*, útil edição da Biblioteca Agrícola.

Êste interessante tratado original do sr. J. C. Rebelo Frazão, ex-director técnico da Escola e Parque de Avicultura «Paraíso», no Rio de Janeiro, e premiado com medalha de ouro em várias exposições de avicultura, insere:

RAÇAS E SUAS CARACTERÍSTICAS — Dorking — Paduana — Sultana — Sião — Sedosa do Japão ou Silkie — Houdan — Shanghai ou Cochinchina — La Flèche — Malines — Mans — Orpington — Plimouth-Roch Andaluza Azul — Campina — Hamburgo — Leghorn — Minorca — Brahmaputra — Brahma d'Anvers — Bréda — Crévecoeur — Java — Yokohama — Transylvania — Sebright — Palheirinhas — Pintada — Rhod Island — Red Portuguesa.

ALIMENTAÇÃO — Para pintos, para galinhas, e em especial para poedeiras.

POSTURAS — Fórmulas para aumentar a fecundidade das galinhas.

CAPOEIRA — Galinheiro fixo — Galinheiro para 50 galinhas — Material de capoeira — Comedouros — Bebedouros — Poleiros.

ENFERMIDADES E TRATAMENTOS — Gôgo ou bronquite — Fraqueza nos membros — Catarro — Prisão de ventre — Reumatismo — Oftalmia — Raquitismo — Aftas — Abcéssos — Frieiras — Diarreia — Bexigas — Calvicie — Forquilha ou Bocêjo — Fracturas — Ovos sem casca — Depènómania — Muda — Lombrigas — Tuberculose — Indigestão — Cólera — Difteria — Parasitas. CONSELHOS.

A edição profusamente ilustrada é da «Biblioteca Agrícola», — Rua de S. Bento, 279, 1.º — Lisboa, e o seu preço é de 2$50 cada.


# HERNIADO

Sem distinção de idade nem de sexo e seja qual fôr o estado da sua hernia, havendo aplicado ou feito uso de quantas fundas ou tratamentos lhe tenham indicado, incluíndo a operação, sem obter o mínimo resultado, se está alarmado com o agravamento constante da sua hernia e se deseja corrigi-la radicalmente e vêr-se livre de todo o perigo, utilize o **Método C. A. BOER** que vem dando de há muitos anos provas incontestáveis do seu valor positivo, como o provam as seguintes cartas:

V. N. de Gaia, 20-2-935. Ex.mo Sr. C. A. BOER.

Presado senhor tenho a satisfação de lhe dizer que a minha hernia, que tanto me fez sofrer, já desapareceu até dar a impressão de me encontrar completamente são. Faço todos os trabalhos à vontade e, embora sejam pesados, nunca mais notei dôres nem coisa alguma. Posso afirmar que nunca julguei tirar uns resultados tão positivos em tão pouco tempo. Por tudo fico-lhe muito grato e V. Ex.ª pode publicar esta carta a fim de que todos aquêles que sofram desta doença possam encontrar o alívio de que precisam. Entretanto, creia-me V. Ex.ª com estima e consideração **Francisco Gonçalves dos Reis**. Campolinho, Vila Nova de Gaia.

LISBOA, 17 de Novembro de 1934 — Ex.mo Sr. C. A. BOER — Lisbôa — Ex.mo Sr. — Tenho o gôsto de comunicar-lhe que me encontro **completamente curado** da hernia escrotal que padecia, graças ao emprêgo dos seus aparelhos, que em pouco tempo a reduziram consideràvelmente, tendo actualmente desaparecido por completo. Estou-lhe muito grato por isso, não hesitando recomendar o seu Método, que me permitiu colher resultados tão práticos e rápidos. Autorizo V. Ex.ª a fazer o uso que entender desta carta, e aproveito gostoso esta ocasião para subscrever-me com a máxima consideração, de V. Ex.ª, Att.º Ven.or e Obrd.º — **António Baró**, Rua da Assunção, 99 — Lisbôa.

**HERNIADO:** Se, cansado de sofrer, aspira ao seu bem-estar, trate racionalmente a sua hernia pelo Método C. A. BOER que oferece a máxima segurança ao herniado mais exigente. Visite com a máxima confiança o afamado especialista ortopédico de Paris, Sr. C. A. BOER, em:

**Guimarãis** — sábado, 22 de Fevereiro, no **Hotel do Toural. Viana do Castelo** — domingo, 23 de Fevereiro, no **Hotel Central. Valença** — segunda-feira, 24 de Fevereiro, no **Hotel Valenciano. Braga** — terça-feira, 25 de Fevereiro, no **Hotel Gomes e Matos. Vila N. de Famalicão** — quarta-feira, 26 de Fevereiro, no **Hotel Vilanovense. Barcelos** — quinta-feira, 27 de Fevereiro, no **Hotel Central. Pôrto** — sexta-feira, 28 de Fevereiro, no **Grande Hotel do Pôrto**, Rua de Santa Catarina, 197.

Em cada uma destas localidades interessa muito ás Senhoras e Cavalheiros HERNIADOS apresentarem-se **pontualmente no dia indicado**, de preferência pela manhã, **certificando-se bem** que estão tratando com a afamada casa **C. A. BOER** — DESCONFIAR DAS IMITAÇÕES DESCONHECIDAS. (44)